

O Ofício do Analista e o Exercício da Escrita

Artigo

Ignácio Alves Paim Filho

Psicanalista. Membro Pleno do CEP de PA. Membro Titular da SBPdePA. Professor convidado da pós-graduação em Psicologia Clínica da UCS.

Resumo: No presente trabalho, o autor tem o objetivo de propiciar estímulo para que o analista sinta-se desafiado a ultrapassar os limites de seu ofício, centrado na palavra falada, e possa aventurar-se pelo universo da palavra escrita. Percebe nessa um quarto pilar na formação interminável de todo analista. Toma como modelo primordial a relação que Freud manteve com o escrever: forma de transmissão do conhecimento da e na psicanálise – do sujeito à cultura. Destaca que não se trata de criarem-se escritores, mas sim pensadores em busca de interlocutores, mais além das salas de análise e das instituições psicanalíticas.

Palavras chave: Escrita. Formação. Psicanálise. Transmissão.

Sei que ao escrever tenho de cegar-me artificialmente a fim de focalizar a luz sobre um ponto escuro, renunciado à coesão, à harmonia, à retórica e a tudo que a senhora chama de simbólico [...] (Freud a Lou Salomé, 25/05/1916).

Exercer, pensar, falar, enfim, viver nosso ofício sempre é um convite para enfrentamentos com o desconhecido. Enfrentamentos que instigaram Freud, a partir da primeira década do século XX, a buscar equacionar recomendações para aqueles que exercem a psicanálise. Essas recomendações visam, de forma ampla, criar um ambiente propício para que o *playground* das transferências possa desenvolver-se e resolver-se de forma terapêutica. Lembrando que cabe ao analista, no exercício de seu ofício, ser o guardião das leis que sustentam o *setting*. Para tanto, como sabemos, todo o sujeito que tiver a pretensão de vir a exercer essa função tem o compromisso de investir em supervisão, estudo teórico e análise pessoal.

Esses três segmentos ou pilares estão na pauta de toda a formação, o que pode variar é a forma como se arranjam. Penso que existe certo consenso no mundo psicanalítico sobre a validade dessas recomendações capitais. Entretanto, ocorre-me propor uma quarta recomendação, que talvez possa ser um dos elos de comunicação entre os seus pilares – o exercício da escrita. Sem a pretensão de



criarem-se escritores, antes pensadores, que tenham a generosidade de compartilhar o seu refletir sobre os enigmas que o seu ofício suscita: descortinando novos destinos para a palavra falada, pensada quando do advento da palavra escrita. Proposta talvez não original – embora ousada – sobretudo quando pretendo deixá-la registrada e publicada através de uma formulação escrita. Esse, seguramente, é um dos desafios que contribuem para a inibição na escrita: deixar registradas nossas ideias e expô-las ao olhar do outro, do leitor. Mas superando, quem sabe, essa inibição narcísica que está a serviço de uma inércia psíquica, em nome de uma liberação narcísica a serviço de por em movimento o desejo criativo, vejamos como posso fundamentá-la.

Para isso, convido o leitor a lançar seu olhar para fragmentos da história do fundador da psicanálise, no sentido de se aproximar do escritor/analista. Aquele que é agraciado, em 1930, com o Prêmio Goethe de Literatura, da cidade natal do poeta, Frankfurt am Main, devido ao conjunto de sua obra, contemplando o estilo literário e a contribuição do seu pensar para a compreensão da alma humana. Isso permeado com suas afinidades pelo espírito goetheano: uma alma investigativa marcante. Esse jeito de ser, compartilhado com Goethe, será seguido da necessidade de registrar suas ideias, sabedor da fugacidade do dizer oral, quer no campo pessoal (segundo seus biógrafos, escreveu em torno de 15 mil cartas), quer no profissional. Sua relação com a escrita – via correspondência – é caracterizada nestes termos por Ernest Freud (1982):

Como escritor de cartas, meu pai era extraordinariamente prolífico e consciencioso, ocupando-se sozinho de sua volumosa correspondência e escrevendo a mão. [...] Dedicava suas noites aos escritos científicos, mas cada minuto livre entre as análises era consagrado à correspondência. A estrita observância dessa rotina durante toda a sua vida teve como resultado alguns milhares de cartas (p. 5).

Quanto à sua produção científica, deixou inscritos trabalhos que vão da neurofisiologia – 21 artigos publicados – à criação e ao desenvolvimento da psicanálise – obra composta de 24 volumes (SEB), além de vários prefácios a livros dos seus contemporâneos.

Cabe destacar, visando ratificar e exemplificar o seu desejo e afinidade com o escrever, que irá acompanhá-lo até os últimos dias de vida, seja na vida privada seja também na de investigador da alma humana. Em 19/09/1939, escreveu, provavelmente, sua última carta ao poeta Albrecht Schaeffer, três dias antes de sua morte, que conclui nesses termos: “Mas tenho mais de 83 anos, portanto de fato já passou a minha hora, e realmente nada me resta a não ser seguir o conselho do seu poema: Espere, espere” (FREUD, 1939, p. 529). Uma espera não melancóli-

ca, porém empenhada com a transmissão da psicanálise através da vitalidade da produção escrita. Temos esse registro em 1938, já em Londres e sentindo o peso da sua doença, quando escreve o seu trabalho derradeiro, publicado postumamente, *Esboço de Psicanálise*: espécie de carta com recomendações aos velhos e jovens psicanalistas.

Poderíamos, a partir desses breves assinalamentos, inferir: o escrever está estritamente vinculado à genialidade de Sigmund Freud. Contudo, acredito que essa afirmação é por demais reducionista. É evidente que temos em seus escritos a inscrição da genialidade de um criador, mas isso não é tudo. Se fizermos uma leitura por dentro de uma linha de tempo, observaremos o quanto o escrever vai transformando-se no desenrolar da sua obra, adquirindo uma maior integração e fluidez de pensamento. Denunciando que a intimidade com a narrativa escrita é uma construção que exige, daquele que se ocupa desse ato, uma dedicação que requer trabalho – *estrita observância de uma rotina* – e paixão. Entendo que a constituição do sujeito Sigmund e do analista/escritor Freud vai se fazendo acontecer também na direta proporção em que o falado e o pensado vão se personificando nas suas escrituras. No caso de Freud, essa afirmação tem maior significação, na medida em que sua autoanálise se dá através de sua vasta correspondência com Fliess – 1887/1904.

O escrever como forma de compreensão de si e do mundo, elucidação de ideias, construção de conceitos e, finalmente, meio de comunicação com o hoje e o amanhã. Esta constelação de possibilidades se faz presente na história desse sujeito que tem com a escrita uma relação que visa ideias que sejam perpetuadas para além do seu tempo. Desejo de imortalidade? Provavelmente sim, manifestação de um narcisismo criador, diz ele em 12/06/1900, em carta a Fliess: “Você acha que, algum dia, será possível ler numa placa de mármore nesta casa: Aqui, no dia 24 de julho de 1895, o segredo dos sonhos se revelou ao Dr. Sigm. Freud” (FREUD, 1900a, p. 418). Eis aí múltiplas possibilidades de nos conectarmos com as vivências do fundador.

Se pudermos nos desprender da relação restritiva genialidade/escrita talvez possamos nos apropriar de mais esse legado freudiano: escrever como forma de interação entre as instâncias psíquicas e o mundo externo. Desafio que pulsa visando ampliar horizontes. Evoco a ligação entre a gênese do conceito da associação livre e os escritores criativos:

Pegue algumas folhas de papel e por três dias sucessivos escreva, sem qualquer falsificação ou hipocrisia, tudo que lhe vier à cabeça. Escreva o que você pensa de si mesmo, de suas mulheres, da guerra da Turquia, de Goethe, do caso criminal Fonk, do Juízo Final, dos que lhe são superiores em termos da autori-



dade – e quando os três dias tiverem transcorrido, você ficará espantado diante dos pensamentos singulares e surpreendentes que brotaram de você (BÖRNE, *apud* FREUD, 1920, p. 317).

Deixe-se levar pelas ideias que brotam do seu inconsciente, permita que as imagens sejam captadas pelas palavras e que essas ganhem um discurso através de uma grafia. Surpreenda-se com a vitalidade da memória do inconsciente. Fomentar esse cenário é um clima propício para o processo criativo, quer seja no espaço da análise, quer na narrativa de um escrito. Escrever suscitando um alargamento da capacidade analítica, sendo um convite ao analista que escreve para experimentar o livre associar nesse contexto: *você ficará espantado diante dos pensamentos singulares e surpreendentes que brotaram em você.*

Se concordarmos que o escrever tem um papel relevante e determinante na história da constituição do sujeito/analista/escritor Sigmund Schlomo Freud, bem como na construção da psicanálise, minha proposição – de um quarto pilar – adquire maior consistência. Identificar-nos com essa herança e nos apropriarmos dela, parece-me bom caminho na edificação do ofício de vir a ser um psicanalista. Ressalto vir a ser um psicanalista que escreve sobre os desafios de seu ofício, não um escritor que escreve sobre a psicanálise.

Transitar pelo universo das palavras sentidas, pensadas, significadas, faladas... e desse para o texto escrito é uma aventura rica em aprendizado. O escrito interroga de uma forma muito particular, faz refletir sobre as múltiplas facetas que o verbo dizer comporta: o que dizer, como dizer, o não dizer, como também, o que está sendo dito nas entrelinhas. A palavra, ao ser imortalizada em um texto, permite fazer um registro de como compreendemos e não compreendemos algo – testemunho vivo – que remete a um tempo e a um contexto histórico, dando guarida ao princípio que profere: diferentes panoramas produzem diferentes significados. Em nossa vida cotidiana, de analista em interminável formação, deparamo-nos com essas circunstâncias nas mais variadas situações, nas quais somos convocados a exercitar o ofício de analista que escreve: na exposição de material para supervisão, na composição de um artigo científico, ou ainda no relato teórico/clínico de uma experiência analítica. Esses registros, em sua indestrutibilidade enquanto inscrição, seguem sendo um eterno convite para novas/velhas releituras. Processo que permite que o autor, assim como seus leitores, ampliem as possibilidades de criar novas percepções e versões. Recordemos que todo o escrito possui um texto e um subtexto, que em sua inter-relação produzem um número significativo de interpretações que pulsam em busca de intérpretes.

Qual o autor que não se confronta com sentimentos de estranheza – no sentido

freudiano: conhecido/desconhecido – ao deparar-se com seu próprio texto, decorrido algum tempo? Eis aqui um dos fascínios dessa aventura que é o escrever: despertar o espírito investigativo, talvez sendo mais modesto: curioso, bisbilhoiteiro, porque não dizer, intrometido no autor, agora leitor: poder revisitar suas ideias e, quem sabe, tratá-las como se não fossem suas, ser seu próprio interlocutor, criar novos sentidos e ressignificar antigas percepções. Dando asas à imaginação, acredito que o exercício da escrita na vida de todo o psicanalista tem uma função potencializadora, ou ainda, determinante nos destinos de sua análise terminável e interminável, da sua apreensão do conhecimento e da internalização de suas vivências clínicas. Concepção de outro cenário, que pode permitir facilidades inusitadas, no permanente trânsito do repetir, recordar e elaborar (FREUD, 1914).

Por ter a crença da validade dessa proposição, penso na importância de se fomentar o estímulo para a escrita, tendo como parâmetro a associação que Freud faz entre os escritores criativos e brincadeira das crianças:

Será que deveríamos procurar na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda a criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos do seu mundo de uma forma que lhe agrade? (FREUD, 1908, p. 149).

Pergunta instigante que propõe: onde procurar a fonte da atividade imaginativa? A resposta está, como afirma, no mundo infantil; mundo esse que remete ao desejo recalcado e busca as mais variadas formas de encontrar satisfação. Sim, satisfazer o desejo, porém por outros caminhos. Caminhos que viabilizam uma maior liberdade pulsional, elabora outra meta, que não a gratificação direta. Essa proposição traz à tona a importância de outro destino para a pulsão – a sublimação. “Sublimar uma ação” é criar a possibilidade de jogar/brincar com o desejo. Consentir que esse encontre a *identidade de percepção* (FREUD, 1900b) trilhando o longo caminho da *identidade de pensamento* (FREUD, 1900b). Recordando, se a identidade de percepção é facilmente encontrada, estabelece-se a via curta, uma gratificação inibidora do processo imaginativo - o pensar em imagens. Esse pensar é fundamental para o exercício do vir a ser um analista que escreve. Transitar pelo universo onírico, pelo mundo do simbólico e do imaginário, deixar que as representações coisam com sua capacidade de fazer condensações e deslocamentos: supressões e elipses, inversões e sínteses, criem um *mundo próprio*. Com a criação dessa matéria-prima, temos as bases para que o desejo seja enlaçado pela representação palavra. Nesse contexto, a criação adquire um novo *status*, a *identidade de pensamento*: estabelecendo outra narrativa, que circula entre o mundo ilimitado do inconsciente com seus desejos, com suas representações aber-

tas, e o mundo do pré-consciente/consciente, com os limites impostos pelo processo secundário e suas representações fechadas.

Discorrer algumas ideias pontuais sobre a sublimação e sua relação com o processo criativo, em especial o da escrita, foi somente uma tentativa de deixar registrada a importância desse exercício, atrevendo-me a especular como a metapsicologia se implica nesse processo, já que compreendo que a sublimação é uma saída para que o desejo rompa com as amarras do recalque, de uma forma benéfica para o sujeito e para a cultura. Inter-relação desafiadora, qual o compromisso que nós analistas temos com a transmissão do conhecimento na e da psicanálise, entre esses dois grandes segmentos? A primeira resposta, e seguramente a mais relevante, remete que análise é o veículo por excelência por onde pode se dar uma transmissão mais genuína na psicanálise. Entretanto, ampliando e fazendo ressoar os ecos do processo analítico, penso e vejo na escrita um convite perene para uma maior interação entre o que é da ordem do individual e o que é da ordem do coletivo, podendo ser um fecundo meio para a transmissão do conhecimento da psicanálise.

Encerrando, deixo assinalada a relevância de seguirmos pensando, sentindo, refletindo, escrevendo e reescrevendo – desde o lugar de analistas – sobre os enigmas de nosso ofício. Enigmas que, ao se confrontarem com o ato de escrever, podem atingir outro status. Status que permite estabelecer um diálogo mais além de nossas salas de análise, de nossas instituições e de nossas “paróquias”: travessia da endogamia à exogamia. A palavra, ao ser inscrita e publicada, torna-se um patrimônio da cultura. Assim sendo, passa a ser um eterno convite à interlocução. Interlocução que ao se dar, põe em movimento o aparato psíquico, gerando encontros e desencontros, podendo ser um bom estímulo para uma escuta produtora de uma escrita, comprometida com a singularidade do pensamento psicanalítico – criar a interrogação diante das certezas alienantes – *renunciando à coesão, à harmonia, à retórica...*

The Craft of the Psychoanalyst and the Exercise of Writing

Abstract: In this paper, the author aims to provide stimulus to the analyst feel challenged to push the boundaries of his craft, focused on spoken word, and can venture into the world of the written word. Realize as a fourth pillar in endless formation of each analyst. Takes as its primary model the relationship that Freud had with writing: a mode of transmission of the knowledge and psychoanalysis – from the subject to the culture. Highlights that it is not about create writers, but thinkers in search of interlocutors, beyond the analysis room and psychoanalytic institutions.

Keywords: Formation. Transmission. Writing.

El Oficio del Analista y el Ejercicio de la Escritura

Resumen: En el presente trabajo el autor tiene como objetivo estimular a que el analista se sienta desafiado a ir más allá de los límites de su oficio, centrado en la palabra hablada y aventurarse por el universo de la palabra escrita. Percibe en esta un cuarto pilar en la formación interminable de todo analista. Toma como modelo primordial la relación que Freud mantuvo con el escribir: forma de transmisión del conocimiento del y en el psicoanálisis – del sujeto a la cultura. Destaca que no se trata de crearse escritores, si no pensadores en busca de interlocutores, más allá de las salas de análisis y de las instituciones psicoanalíticas.

Palabras clave: Educación. Escritura. Transmisión.

Referências

- FREUD, E. Prefácio. In: _____. (org.). **Correspondência de Amor e outras cartas (1873-1939)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Original publicado em 1960.
- FREUD, S. (1900a). Carta de 12/06/1900. In: **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess [1887-1904]**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. (1900b). Interpretação dos Sonhos. In: _____. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1908). Escritores Criativos e Devaneio. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1916). Carta de Freud a Salomé – 25/05/1916. In: **Freud – Lou Andreas-Salomé: Correspondência Completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1914). Recordar, Repetir e Elaborar. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1920). Uma Nota Sobre a Pré-História da Técnica Psicanalítica. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1938). Esboço de Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1939). Carta de Freud a Schaeffer. In: FREUD, E. (org.) **Correspondência de Amor e outras cartas (1873-1939)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Ana Rachel Salgado

Ignácio Alves Paim Filho
Rua Felipe Néri, 457/401
90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: paimiga@terra.com.br